

Polarização e Apoio à Democracia

Teoria e Evidências para a América Latina

Helena Morais ¹

RESUMO

Um contexto polarizado pode levar ao rompimento do regime democrático. As elites políticas têm um papel preponderante no processo, pois constroem ou intensificam diferenças entre os cidadãos, visando mobilizá-los a seu favor. Este trabalho apresenta duas contribuições, revisando a literatura que trata da relação entre polarização e democracia e produzindo uma análise empírica para a América Latina: uma Análise Fatorial e uma estimação do efeito da polarização sobre o apoio à democracia. Os resultados corroboram a hipótese de crescimento da polarização na região, além de fornecerem evidência de que o aumento da polarização gera maior apoio a ideais antidemocráticos.

PALAVRAS-CHAVE: polarização; democracia; apoio à democracia; análise fatorial; modelo de efeitos fixos.

ÁREA TEMÁTICA: 5. Relações Econômicas Internacionais

¹ Doutoranda do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar)/UFMG, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

1 INTRODUÇÃO

A polarização pode ser entendida, de forma simples, como o fenômeno por meio do qual as diferenças normais de uma sociedade, cada vez mais, se alinham ao longo de uma única dimensão e as pessoas passam a descrever a sociedade e a política em termos de “nós” e “eles”, dois grupos de interesses e identidades mutuamente excludentes (MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018). Nessa concepção, a polarização seria um processo de simplificação da política e das relações sociais, separando dois lados opostos (SOMER; MCCOY, 2018), de forma que as identidades políticas se tornam também identidades sociais. Como consequência da radicalização das posições das elites e do povo, a democracia pode ser posta em risco, na medida em que se acirram os conflitos sociais e psicológicos entre os grupos, além da disseminação de discursos e políticas de enfrentamento (MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018).

Diferentemente de outras épocas, a polarização observada atualmente não se deve somente a divergências ideológicas entre posições econômicas à direita e à esquerda, mas a fatores diversos e difíceis de mensurar, como, por exemplo, questões religiosas, raciais e culturais (ABRAMOWITZ, 2018; MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018). Portanto, as origens desse evento podem ser atribuídas a diversos acontecimentos históricos e não está no escopo deste trabalho explicitá-los², embora argumente-se que é crucial para a manutenção democrática compreendê-los com profundidade.

A relação entre polarização política e o sistema democrático ainda é um tema novo na literatura. A polarização das elites políticas poderia, por um lado, fortalecer o regime democrático, uma vez que o posicionamento mais claro das elites políticas facilitaria a auto localização ideológica dos eleitores e aumentaria suas chances de votar "corretamente", ou seja, de acordo com seus ideais (PIERCE; LAU, 2019; SINGER, 2016). A polarização, portanto, forneceria "pistas" que ajudariam os cidadãos a tomarem decisões, o que poderia gerar mais mobilização política na sociedade e o fortalecimento dos partidos. Essa tese se apoia na tradição contextualista do comportamento político, de acordo com a qual, mais do que os atributos individuais, o ambiente no qual os eleitores estão inseridos exercem importante influência sobre as decisões políticas.

Cabe notar que a polarização das elites abordadas nesses trabalhos muitas vezes recebe uma definição mais restrita que a previamente descrita. Singer (2016) utiliza o termo como definido em Dalton e Anderson (2011): a polarização ocorreria em um cenário com grande distância, ideológica ou de programa político, entre partidos alternativos. Nessa concepção, as dificuldades de negociação entre as partes e os conflitos sociais decorrentes seriam possíveis consequências do fenômeno da polarização das elites, não o fato em si.

Por outro lado, há evidência de que a polarização reduziria a valorização dos princípios democráticos na sociedade (FOSSATI; MUHTADI; WARBURTON, 2021), prejudicaria tomada de decisão dos eleitores (DRUCKMAN; PETERSON; SLOTHUUS, 2013), limitaria a cooperação social e as ações coletivas (SOMER; MCCOY, 2018) e impossibilitaria o sistema de *accountability* democrático (LAVINE; JOHNSTON; STEENBERGEN, 2012). Todos esses fatores contribuiriam para a erosão do regime democrático. Assim, a sobrevivência da democracia pode depender da reversão das tendências de polarização recentes e, nesse cenário, a habilidade das elites políticas e a capacidade organizacional dos partidos seria crucial (SOMER; MCCOY, 2018).

O objetivo deste trabalho é contribuir para a compreensão da relação entre a polarização política e a democracia, fazendo, primeiramente, uma revisão da literatura a respeito das possíveis consequências da polarização, com destaque para a ameaça aos princípios democráticos. Além disso, é apresentada uma análise aplicada, com dados da América Latina em um painel que abrange os anos entre 2000 e 2020. Foi feita, primeiramente, uma Análise Fatorial (AF)

² Sommer e McCoy (2018) fazem uma revisão de trabalhos com este tema.

exploratória de 21 variáveis que representam dimensões da divisão social e, em seguida, uma estimação dos efeitos dos índices de polarização obtidos sobre o apoio à democracia nos países da região. Conclui-se que os índices de polarização são coerentes com o que se observa historicamente e têm efeito positivo e estatisticamente significativo sobre o apoio popular a soluções antidemocráticas. Ou seja, os dados apresentados neste trabalho corroboram a literatura que aponta para a ameaça democrática decorrente do aumento da polarização na sociedade.

2 CONSEQUÊNCIAS DA POLARIZAÇÃO

Alguns trabalhos apontam para possíveis consequências positivas da polarização. A ideia central é que a polarização mobilizaria a participação política, simplificaria a escolha dos eleitores, uma vez que as elites políticas tendem a adotar posturas mais claras nesse contexto, e fortaleceria os partidos (MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018).

As elites fornecem "pistas" ao eleitorado a respeito de suas posições: dão informações que irão guiar as decisões dos eleitores. Tais pistas podem ser orientadas ao partido ou aos *issues*, isto é, os assuntos mais relevantes em debate. Como consequência, os cidadãos respondem com preferências centradas nos partidos (se tornam mais partidarizados) ou centradas nas questões em pauta. Neste sentido, a polarização entre partidos funciona como um conjunto forte de mensagens aos eleitores, elucidando as posições ideológicas das elites políticas, o que poderia aumentar a relevância do partidarismo. Há evidência empírica, para o caso dos Estados Unidos, de uma relação causal entre polarização das elites e aumento do partidarismo entre as massas (HETHERINGTON, 2001). Assim, o esclarecimento dos posicionamentos das elites, fruto da polarização, teria como consequência a maior consistência entre ideologia, partidarismo e voto (PIERCE; LAU, 2019; SINGER, 2016), principalmente em democracias jovens e instáveis (LEBAS, 2018), e aumentaria até o comparecimento eleitoral (BÉJAR; MORAES; LÓPEZ-CARIBONI, 2020; ABRAMOWITZ; SAUNDERS, 2008).

Nesse contexto, a polarização entre as elites é frequentemente medida a partir das votações abertas (nominais) no Congresso, usando a metodologia desenvolvida em Poole e Rosenthal (2000). Ou seja, assim como definido por Dalton e Anderson (2011), a polarização é entendida em termos de distância ideológica e de programa político, e não, necessariamente, como um fenômeno de conflito e tensão social. Essa diferenciação é relevante na compreensão do cenário polarizado, pois as consequências negativas do fenômeno são normalmente associadas às mudanças de comportamento dos eleitores uns em relação aos outros, isto é, à polarização afetiva entre as massas (que pode estar associada à polarização das elites políticas).

De acordo com McCoy, Rahman e Somer (2018), o discurso polarizado das elites políticas aumenta o grau de polarização afetiva na sociedade, acirrando a rivalidade entre aqueles que se identificam e os que não se identificam com o governo. A partir daí, é gerado um ciclo de reforço positivo entre a polarização das elites e da população. Acirra-se, assim, a dinâmica de conflito intergrupos e o favorecimento intragrupo. Esse viés psicológico pode originar sentimentos de medo, repulsa, falta de confiança e desumanização dos cidadãos de fora da comunidade, reforçando a política de exclusão e alienação. Além disso, coage todos os cidadãos a encaixarem-se em um lado ou outro do espectro polarizado, sob pena de não estando de lado algum, serem constantemente acusados de pertencerem ao "outro grupo".

Assim, ainda que possa existir, a curto prazo, algum benefício do cenário polarizado, a longo prazo essa conjuntura tende a enfraquecer os pilares da democracia. A visão de dois grupos opostos na sociedade prejudica a cooperação e as ações coletivas, aumenta a distância entre as pessoas e leva ambos os grupos a considerarem válidas ações antidemocráticas, quando se sentem gravemente ameaçados (SOMER; MCCOY, 2018).

A polarização das elites também exerce importante influência sobre a tomada de decisão dos cidadãos. O cenário polarizado estimula o fenômeno do “raciocínio motivado” (simplicadamente, a tendência de ver o mundo de forma a confirmar convicções previamente formadas), o que leva as pessoas a tomarem decisões a partir dos direcionamentos do partido, e não em argumentos embasados³ (DRUCKMAN; PETERSON; SLOTHUUS, 2013). De acordo com essa teoria, os eleitores partidarizados tendem a considerar determinadas políticas boas ou ruins de acordo com o partido que as apoia, deixando de ponderar os aspectos práticos envolvidos na avaliação.

Cabe salientar que o fenômeno tem diferentes graus e é intensificado entre pessoas que têm o partidarismo como importante elemento da sua formação identitária. Os indivíduos que apresentam forte *partisan motivated reasoning* desenvolvem mais confiança em suas próprias opiniões e são menos propensos a considerar outras visões (DRUCKMAN; PETERSON; SLOTHUUS, 2013). Esse argumento reforça a ideia de que a polarização leva ao isolamento entre grupos distintos, à intolerância, à falta de cooperação na sociedade e gera prejuízos à democracia, na medida em que impede o diálogo entre as partes. Outra consequência perniciosa à democracia é a perda do mecanismo de controle das ações do governo pela sociedade (LAVINE; JOHNSTON; STEENBERGEN, 2012), isto é, a possibilidade de que os eleitores premiem ou punam o governo incumbente por suas ações. Em um cenário polarizado e, conseqüentemente, dominado pelo raciocínio motivado pelo partido, as visões dos eleitores são fortemente distorcidas e, assim, perde-se importante elemento da política representativa, o chamado *accountability* democrático.

Nesse ponto reside mais um argumento que questiona as vantagens das "pistas" oferecidas pelos partidos em um cenário polarizado. O raciocínio motivado, estimulado pela polarização, gera graves vieses nas conclusões e decisões dos eleitores, o que levanta questionamentos a respeito da qualidade das opiniões formadas neste contexto, embora esta hipótese ainda precise ser mais profundamente explorada (DRUCKMAN; PETERSON; SLOTHUUS, 2013).

3 AMEAÇA AOS PRINCÍPIOS DEMOCRÁTICOS

Em anos recentes, é possível observar em diversos países, como por exemplo França, Hungria, Áustria, Turquia, Estados Unidos e Brasil, o fortalecimento de partidos e candidatos mais radicais e a consolidação da extrema direita. Além disso, há evidência de que os cidadãos nos Estados Unidos e na Europa Ocidental estejam cada vez mais desacreditados de seu poder de influenciar a política e mais propensos a apoiarem regimes autoritários (em particular, os mais jovens vêm demonstrando menos engajamento político) (FOA; MOUNK, 2016). Nos Estados Unidos, é observado que o partidarismo e lealdade partidária vêm se acentuando desde os anos 1970 e atingiu a marca de 90% em 2012, nas eleições para a câmara dos deputados e o senado. Simultaneamente, observa-se o aumento da polarização ideológica: as identidades partidárias vêm se tornando mais próximas das divisões sociais e culturais, além do sentimento negativo em relação aos partidários e candidatos da oposição (ABRAMOWITZ; WEBSTER, 2016).

Alguns trabalhos afirmam que a democracia, que tradicionalmente se sustenta no apoio dos cidadãos, está ameaçada por conta da mudança de paradigma em curso: os eleitores não têm mais tanto apreço pelo regime, o que seria um ponto de virada na história do modelo democrático de sociedade (MOUNK, 2018). Assim, a falta de engajamento dos cidadãos com a democracia pode prejudicar o provimento de bens públicos e a eficiência do governo (VERBA; ALMOND, 1963).

A estabilidade dos princípios democráticos na sociedade pode ser ameaçada por diversos fatores, como a percepção do nível de segurança (FERNANDEZ; KUENZI, 2010), a avaliação

³ Fenômeno chamado de *partisan motivated reasoning*.

da qualidade (ou "efetividade") das políticas implementadas pelo governo (MAGALHÃES, 2014) e as condições econômicas (CORDERO; SIMÓN, 2016; CÓRDOVA; SELIGSON, 2009). É apontada ainda uma diferença entre gerações: as coortes mais jovens, nos Estados Unidos e na Europa, demonstrariam menos apreço pela democracia liberal, em oposição à tendência dos anos 1980 e 1990, quando os jovens demonstravam valorizar mais a democracia e eram menos propensos a aderirem a discursos radicais (FOA; MOUNK, 2016).

Nesse contexto, o fenômeno da polarização política vem também sendo apontado como um dos possíveis elementos de enfraquecimento do apoio à democracia (FOSSATI; MUHTADI; WARBURTON, 2021; SOMER; MCCOY, 2018; WUTTKE; GAVRAS; SCHOEN, 2020). A visão de que a sociedade se separa em grupos opostos de interesses inconciliáveis torna o diálogo, a interação e a tolerância altamente custosos para os indivíduos, de forma que a confiança nas instituições e o apoio aos princípios democráticos são minados (MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018).

É importante notar que a existência da erosão democrática não é consenso na literatura e alguns autores questionam os trabalhos que encontram evidência de tal fenômeno. A partir desses questionamentos, Wuttke, Gavras e Schoen (2020) se esforçaram para produzir uma análise robusta a respeito do apoio à democracia e a confiança nas instituições. Os autores utilizaram dados da European Values Survey de 18 países considerados democracias consolidadas, entre 1981 e 2018. A princípio, não foram encontradas evidências de que os cidadãos europeus estariam mudando suas preferências quanto ao regime democrático de governo.

No entanto, em alguns países, como Noruega e Suécia, observa-se o crescimento da preferência por líderes fortes, que não se importam com o parlamento. Em outros locais, como França e o Reino Unido, o apoio a um governo militar também tem crescido entre os mais jovens. Ou seja, em alguns países, embora as pessoas digam apoiar a democracia, enquanto termo abstrato, essa resposta não é consistente com outras preferências, na medida em que alternativas antidemocráticas são bem aceitas (WUTTKE; GAVRAS; SCHOEN, 2020).

Um contexto altamente polarizado pode, por diferentes vias, levar ao rompimento do regime democrático (MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018). Primeiramente, pode haver uma grave crise de governança, com a paralisação das ações do governo, devido à falta de consenso entre as elites políticas. Esse cenário ocorre em situações nas quais nenhum dos dois lados consegue prevalecer a longo prazo. Nesse caso, fica prejudicado o desenvolvimento do país, devido à má gestão macroeconômica e a descontinuidade das políticas públicas, já que um dos lados visa constantemente desfazer as estratégias de desenvolvimento criadas pelo adversário político. A outra possibilidade é a de que um dos grupos se torne hegemônico, o que tende a gerar ações autoritárias contra o grupo de oposição e pode terminar com uma disputa antidemocrática pelo poder.

A partir do discurso polarizado das elites, poderia também ocorrer a mobilização de grupos que antes não eram ativos (MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018). Assim, aumentaria a polarização afetiva, tanto no nível das elites quanto da sociedade em geral e seriam reduzidas as ações coletivas. Com isso, ganharia força a ideia de interesses mutuamente exclusivos e a sensação de ameaça. Paulatinamente, o conflito tomaria uma dimensão maior que a cooperação e a queda da tolerância viria acompanhada, finalmente, da erosão democrática.

As elites políticas têm um papel preponderante no processo, pois constroem ou intensificam diferenças entre os cidadãos com a retórica do "nós e eles", visando mobilizar a população a seu favor. Normalmente, a mobilização é catalisada por alguma crise econômica ou social. A sobrevivência da democracia dependeria, então, da reversão da tendência de polarização ou da reforma do sistema democrático (MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018).

4 ESTUDOS APLICADOS À AMÉRICA LATINA

Os eleitores latino-americanos, em geral, não sentem que vivem em democracias. De acordo com o Informe Latinobarómetro 2021, apenas 6% dos entrevistados afirmam viver em democracias plenas. Dentre os argentinos, 60% afirmam que a sua democracia tem grandes problemas, seguido de 56% dos peruanos e 55% dos equatorianos. O país com menos queixas em relação à qualidade de sua democracia é o Uruguai (19%).

Nota-se que, embora seja comum tratar a América Latina como unidade de análise, há diferenças consideráveis entre os países da região em termos econômicos, de desenvolvimento das instituições e dos resultados das pesquisas de opinião. Países como Uruguai e Costa Rica, mais liberais e com democracias mais desenvolvidas, apresentam apoio à democracia consideravelmente mais elevado (em 2020, 74% e 67%, respectivamente) que Honduras e Guatemala (30% e 37%, respectivamente), que têm sistemas mais frágeis. O Equador se destaca por apresentar forte deterioração do apoio da população ao regime democrático: em 2020, apresentou apenas 33% de apoio, uma queda de 17 pontos percentuais em relação à última pesquisa, em 2018. Quanto ao Brasil, a tendência do apoio ao regime foi de melhora entre os anos de 2018 e 2020, mas segue em um patamar modesto: 40%. O momento de maior evolução do índice no país foi entre 2003 e 2010, quando alcançou 54%.

Da mesma maneira, o perfil dos cidadãos que são mais fiéis aos valores democráticos também varia entre países. Cidadãos que se identificam com a direita ou com a esquerda podem ser maioria no apoio ao regime democrático, a depender do país e do momento histórico que se analisa. Apenas o Chile apresentou uma correlação estatisticamente significativa ao longo do tempo: a esquerda tende a ser mais democrática que a direita. Nos outros países, existem correlações pouco significativas (em alguns países a esquerda é mais democrática, em outros, a direita e nos demais, o centro, como no caso do Brasil⁴). Em todos os países é possível observar que, após eventos históricos específicos, o perfil ideológico dos apoiadores da democracia pode mudar (LAGOS, 2008).

Outra questão relevante entre os países da América Latina é a definição de democracia. A democracia, enquanto conceito abstrato, pode ser apoiada em discurso, sem que seus elementos formadores sejam efetivamente protegidos, semelhante ao que é observado em alguns países europeus (WUTTKE; GAVRAS; SCHOEN, 2020). Também na América Latina, embora os cidadãos afirmem apoiar o regime, muitos demonstram sentimentos autoritários e falta de confiança nas instituições e nos concidadãos (LAGOS, 2001). Poucos anos após a redemocratização dos países da região, nas primeiras pesquisas Latinobarómetro, alguns países como Brasil, Paraguai, Venezuela e Colômbia já demonstravam enfraquecimento do apoio ao sistema (LAGOS, 2001).

Uma característica comum à região é de que as escolhas eleitorais são frequentemente descritas como personalistas, no sentido de que os eleitores elegem candidatos de acordo com suas características pessoais e não por ideologia, partido ou propostas econômicas. Esse perfil poderia ser explicado por uma escolha dos próprios partidos, que, historicamente, evitam competições ideológicas, enfatizando posições centristas e características pessoais dos candidatos (principalmente durante os anos 1990, quando diversos países enfrentaram severas crises econômicas e mudaram suas posições originais para ceder a políticas neoliberais)

⁴ Vale notar que, no Brasil, uma parcela expressiva do eleitorado se auto identifica como de "centro", mas essa parcela vem reduzindo e o perfil de auto localização ideológica vem mudando (FUKS; MARQUES, 2021a) após o período analisado por Lagos (2008).

(SINGER, 2016). Diante da falta de diferenciação entre os partidos, a ideologia perde espaço na escolha dos eleitores (LUPU, 2013).

Há evidência de que os momentos de aumento da polarização das elites políticas estiveram associados à maior convergência entre a ideologia e o voto dos cidadãos, isto é, ao aumento do voto ideológico e redução da característica personalista do voto. Além disso, o voto ideológico está negativamente associado ao número de partidos na legislatura, embora esta relação seja consideravelmente mais fraca (SINGER, 2016). A polarização das elites estaria também associada à maior participação eleitoral dos cidadãos nas urnas (maior comparecimento eleitoral) (BÉJAR; MORAES; LÓPEZ-CARIBONI, 2020).

Tratando particularmente do caso brasileiro, Fuks e Marques (2021a) identificam que a ideologia vem ganhando relevância no comportamento dos eleitores, tese que se opõe a trabalhos precedentes, que apontavam queda da associação entre ideologia e voto em períodos anteriores (CARREIRÃO, 2007; CARREIRÃO, 2008). Fuks e Marques (2021a) argumentam que os partidos, em período recente, têm se diferenciado uns dos outros mais claramente e, como consequência, em linha com as ideias de Lupu (2013) e de Singer (2016), os eleitores aumentariam a consistência entre partidarismo, ideologia e voto.

Argumenta-se que, após o primeiro governo Lula, houve diluição das diferenças ideológicas entre os partidos brasileiros, notadamente uma mudança no posicionamento da esquerda, devido às graves denúncias de corrupção no governo e à aproximação das políticas de Lula às de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Com isso, teria se reduzido a identificação ideológica dos eleitores e, por conseguinte, o voto ideológico (CARREIRÃO, 2007). Em contrapartida, teria havido, mais recentemente, a reorganização da direita brasileira⁵, tanto no parlamento quanto na sociedade, principalmente em torno das pautas de costumes, propiciando o ressurgimento da diferenciação entre esquerda e direita e oferecendo aos cidadãos opções eleitorais com claras distinções ideológicas (FUKS; MARQUES, 2021a). Em termos de auto localização ideológica, observa-se o declínio no número de pessoas que diziam não saber se localizar (ou não respondiam) e o substantivo aumento, principalmente em 2018, daqueles que se identificam com a direita (FUKS; MARQUES, 2021b).

A evidência empírica do fenômeno da polarização das massas na sociedade brasileira, no entanto, ainda é escassa⁶. Os dados apresentados por Fuks e Marques (2021b) indicam que, a partir de 2014, há discreto crescimento da polarização entre os eleitores no país, de forma assimétrica: a esquerda se mantendo próxima ao centro e a direita se deslocando para o extremo. Nas eleições de 2018, o fenômeno se torna mais evidente. Os autores apontam ainda o renascimento do personalismo, característico de toda a região, que carrega uma particularidade: a polarização em torno de lideranças políticas e não somente centrada em partidos. Esse diagnóstico é de extrema importância na análise dos dados da América Latina, uma vez que os modelos aplicados à região não podem ser, portanto, focados somente na polarização partidária. Assim, o contexto deve ser levado em consideração na análise de dados de polarização política (FUKS; MARQUES, 2021b), o que torna mais complexo analisar uma região ou grupo de países.

Os dados não comprovam de forma definitiva o argumento da existência de polarização ideológica no Brasil (FUKS; MARQUES, 2021b). O que os autores encontram é o aumento da polarização afetiva, principalmente em torno de lideranças políticas, e a radicalização da direita (eleitores de Bolsonaro, em 2018, se localizam bem mais à direita que os de Aécio Neves, em 2014). Ou seja, a maior distância ideológica hoje existente entre os eleitores brasileiros se deve

⁵ Especialmente na eleição de 2018, embora não seja possível demarcar uma data de início do processo.

⁶ Considerando apenas as elites, Singer (2016) mostra que havia, até 2009, um nível médio de polarização no parlamento, em um nível mais alto que o observado no período anterior a 2005.

ao afastamento da direita em direção ao extremo, enquanto a esquerda se manteve próxima ao centro (FUKS; MARQUES, 2021b). O aumento da polarização afetiva em curso é um fenômeno que merece atenção da sociedade e dos pesquisadores, afinal, o sentimento de distância entre os cidadãos é capaz de provocar graves consequências ao sistema democrático.

5 ANÁLISE EMPÍRICA

A seguir será apresentado um exercício aplicado, que contribui para a análise da polarização na região da América Latina em anos recentes. A ideia é utilizar dados de diversos aspectos da polarização da sociedade para formar dois índices, por meio de uma Análise Fatorial (AF), que captam aspectos distintos do fenômeno. Além da análise de tendência dos índices de polarização em anos recentes, será estimado o efeito dessas medidas sobre o apoio à autocracia.

5.1 Dados

A fonte dos dados utilizados neste trabalho é o Projeto Varieties of Democracy⁷ (V-Dem), um grupo de pesquisa de escala mundial que se define como uma "abordagem única para conceitualizar e medir democracia" e conta com mais de 3500 pesquisadores ao redor do mundo. A base apresenta mais de 450 indicadores que representam diversos aspectos da democracia, dos quais 21 foram selecionados para compor a análise fatorial. O critério de seleção das variáveis foi, primeiramente, seguindo o *Codebook* da base de dados (COPPEDGE et al., 2021), contemplar os temas das divisões sociais, liberdades e violência política, ou seja, uma conceitualização ampla de polarização. Além disso, algumas variáveis apresentavam dados faltantes e foram excluídas da análise, prezando pelo balanceamento do painel de dados. É importante ressaltar que algumas variáveis foram multiplicadas por menos um, a fim de facilitar a interpretação, sem prejuízo para os resultados. No apêndice A são apresentadas as variáveis utilizadas, de acordo com seus códigos na base original, os novos nomes associados para facilitar o entendimento e suas interpretações. A escala de algumas variáveis é entre zero e um, e de outras, entre menos um e um.

Para formar o painel de dados utilizado na AF, foram mantidos apenas os países da América Central e América do Sul e os anos a partir de 2000 (totalizando 19 países e 21 pontos no tempo, e, portanto, 399 observações). O painel é balanceado, isto é, não há dados faltantes. A escolha geográfica foi feita devido à falta de trabalhos empíricos que tratem do tema da polarização na América Latina. Embora haja, de maneira geral, poucos estudos aplicados acerca desse tema, a região é ainda mais negligenciada. O recorte temporal se deve à hipótese de que, em anos recentes, o fenômeno da polarização da sociedade estaria se intensificando.

5.2 A análise fatorial

Inspirado no trabalho de Jong-A-Pin (2009), que trata da multidimensionalidade da instabilidade política, foi feita uma Análise Fatorial exploratória acerca das dimensões da polarização política. O objetivo da análise fatorial é separar as comunalidades dos diferentes indicadores de suas particularidades (JONG-A-PIN, 2009).

Assume-se que as variáveis de polarização podem ser descritas como uma combinação linear de fatores não observados (as comunalidades), além de um termo de erro (que representa a especificidade). A variância total do indicador é a soma de sua comunalidade com sua especificidade. Os pesos dados a cada fator na combinação linear são obtidos pela respectiva carga fatorial.

No Apêndice B, encontra-se o *scree plot*, ou seja, o gráfico com os autovalores dos fatores. Essa informação auxilia a decisão de quantos fatores estimar, a partir dos dados inseridos.

⁷ Disponível em: <https://www.v-dem.net/>.

Considerando que apenas os dois primeiros fatores possuem autovalores maiores que um e, ainda, os resultados obtidos com a própria análise, foi decidido que dois fatores seriam suficientes para o intuito deste estudo.

5.3 Resultados da AF

A seguir, serão apresentados os resultados da AF (estimada com uma rotação ortogonal). Neste caso, como explicitado na Tabela 1, a variância total explicada pelos dois fatores é de 59,2%: o primeiro fator capta 37,4% da variância dos dados, enquanto o segundo explica 21,8%.

Tabela 1. Variância explicada

Propriedade	Fator 1	Fator 2
SS loadings	7,861	4,573
Proporção da variância	0,374	0,218
Variância cumulativa	0,374	0,592
Proporção explicada	0,632	0,368
Proporção acumulada	0,632	1,000

Fonte: elaboração própria, a partir dos resultados do modelo

A Tabela 2 apresenta a carga fatorial de cada variável. As cargas menores que 0,3, em módulo, foram omitidas. É possível observar que o segundo fator capta grande carga negativa das variáveis que dizem respeito à igualdade: igualdade de proteção diante da lei, igualdade de acesso ao poder e o índice de igualdade diante da lei e liberdades individuais. As variáveis de ameaça a jornalistas e existência de viés na cobertura da mídia também tiveram peso relevante (positivo) nesse segundo fator.

No primeiro fator, os maiores pesos positivos são das variáveis: discurso de ódio por parte dos partidos políticos, disseminação de mentiras, bloqueio e censura das redes, prisões políticas, polarização política e da sociedade, autocensura da mídia e violência política. A maior carga negativa nesse fator é o da variável liberdade de associação. Dessa maneira, optou-se por denominar o primeiro fator de "divisão/repressão", representando um leque mais amplo de polarização, e o segundo de "desigualdade política".

Tabela 2. Resultados da Análise Fatorial

	Divisão/ Repressão	Desigualdade Política	Comunalidade	Especificidade	Complexidade
lassoc	-0,865		0,800	0,200	1,138
odio	0,801	0,381	0,788	0,212	1,431
fakeng	0,793	0,526	0,905	0,095	1,738
bloqsoc	0,783		0,618	0,382	1,015
pris	0,759		0,598	0,402	1,074
censsoc	0,748		0,560	0,440	1,000
ppol	0,747		0,571	0,429	1,042
fakenp	0,715	0,326	0,618	0,382	1,399
psoc	0,714		0,511	0,489	1,003
autocens	0,623	0,552	0,693	0,307	1,971
vpol	0,621	0,313	0,484	0,516	1,477
bloq	0,611		0,381	0,619	1,041

pmidia	0,453		0,230	0,770	1,237
viol	0,353		0,130	0,870	1,091
protec		-0,952	0,913	0,087	1,014
acess		-0,894	0,805	0,195	1,013
amea	0,473	0,732	0,759	0,241	1,712
igual	-0,166	-0,725	0,776	0,224	1,774
vies	0,495	0,615	0,624	0,376	1,913
part	-0,525	-0,570	0,601	0,399	1,987
midsoci			0,070	0,930	1,944

Fonte: Elaboração própria, a partir dos resultados do modelo.

Os fatores obtidos da análise com rotação serão, a seguir, explicitados ao longo do tempo em cada país, na Figura 1 e na Figura 2. Os gráficos foram separados em quatro grupos, por ordem alfabética, a fim de facilitar a visualização. No primeiro grupo apresenta-se: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e Colômbia; no segundo: Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala e Guiana; no terceiro: Honduras, México, Nicarágua, Panamá e Paraguai; e, por fim: Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

Observa-se, em primeiro lugar, indícios de confirmação da hipótese formulada: para a maior parte dos países, há relevante tendência de elevação da polarização ao longo dos anos apresentados.

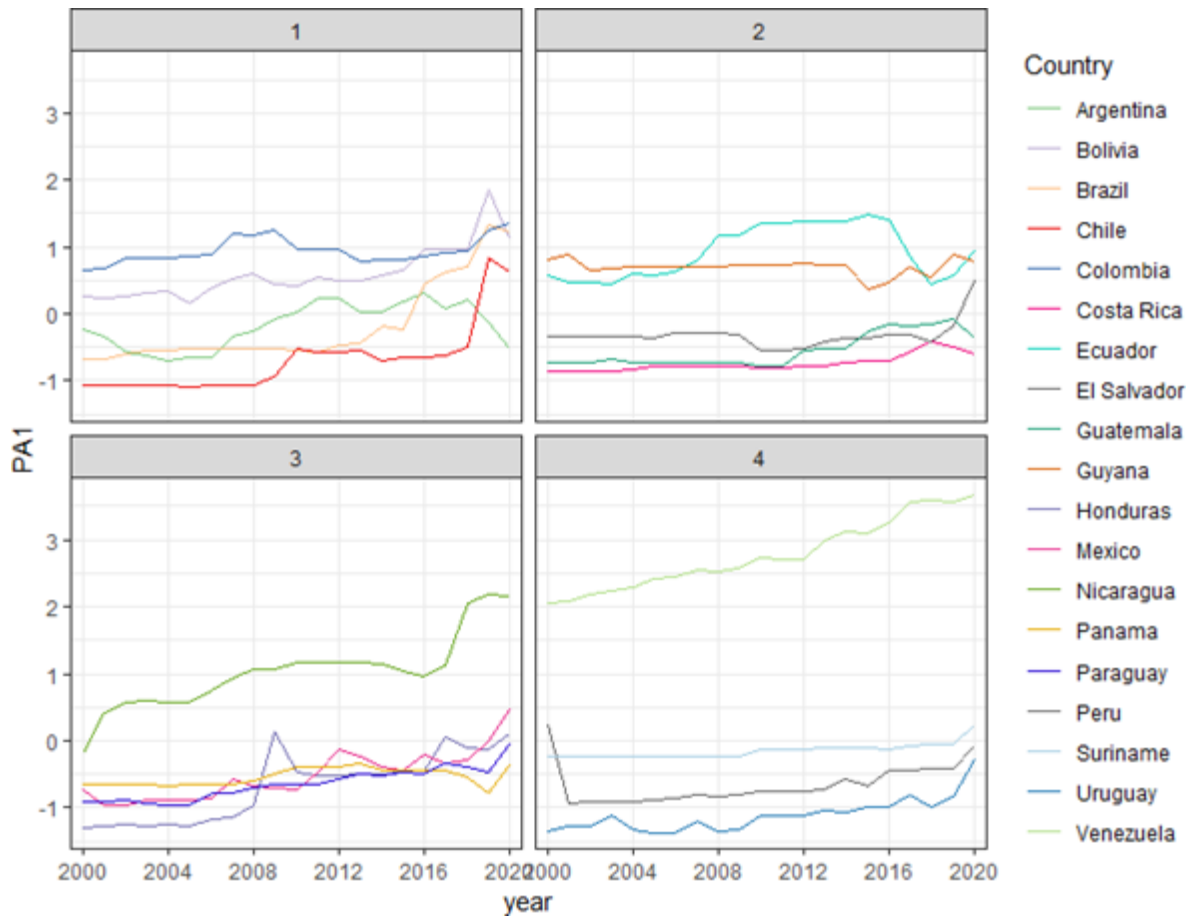
O país que apresentou, em média, o mais alto índice de divisão/repressão foi a Venezuela (valor médio: 2,776), enquanto o país com menor índice foi o Uruguai (valor médio igual a -1,112). O Brasil ocupou a décima segunda colocação, tendo um índice médio ao longo do período igual a -0,188.

Quanto ao índice de desigualdade, o país que teve pior desempenho foi Honduras (fator médio de 1,491), seguido de Guatemala (1,471) e El Salvador (1,445), e os melhores desempenhos foram da Costa Rica (-1,537), do Uruguai (-1,247) e da Argentina (-1,173). Nesse caso, o Brasil atingiu a nona colocação (-0,325). Nota-se que os países com melhor e pior desempenho nesse índice são também aqueles que se destacaram (respectivamente, de forma positiva e negativa) no relatório Latinobarómetro 2021 por seus níveis de apoio à democracia.

Destaca-se que o fator de divisão/repressão da Venezuela foi positivo e extremamente alto (em relação aos demais países analisados) em todos os anos, além de ter sido crescente ao longo de praticamente todo o período. O menor índice ocorreu em 2000 e foi igual a 2,047 e o maior, em 2020, igual a 3,670. Para fins de comparação, ressalta-se que a Nicarágua, segundo país com maior índice de divisão/repressão, apresentou o maior valor em 2019, igual a 2,191.

O fator desigualdade política também foi crescente ao longo do período na Venezuela, porém em patamar mais baixo, deixando o país em décimo primeiro lugar no ranking das médias desse índice.

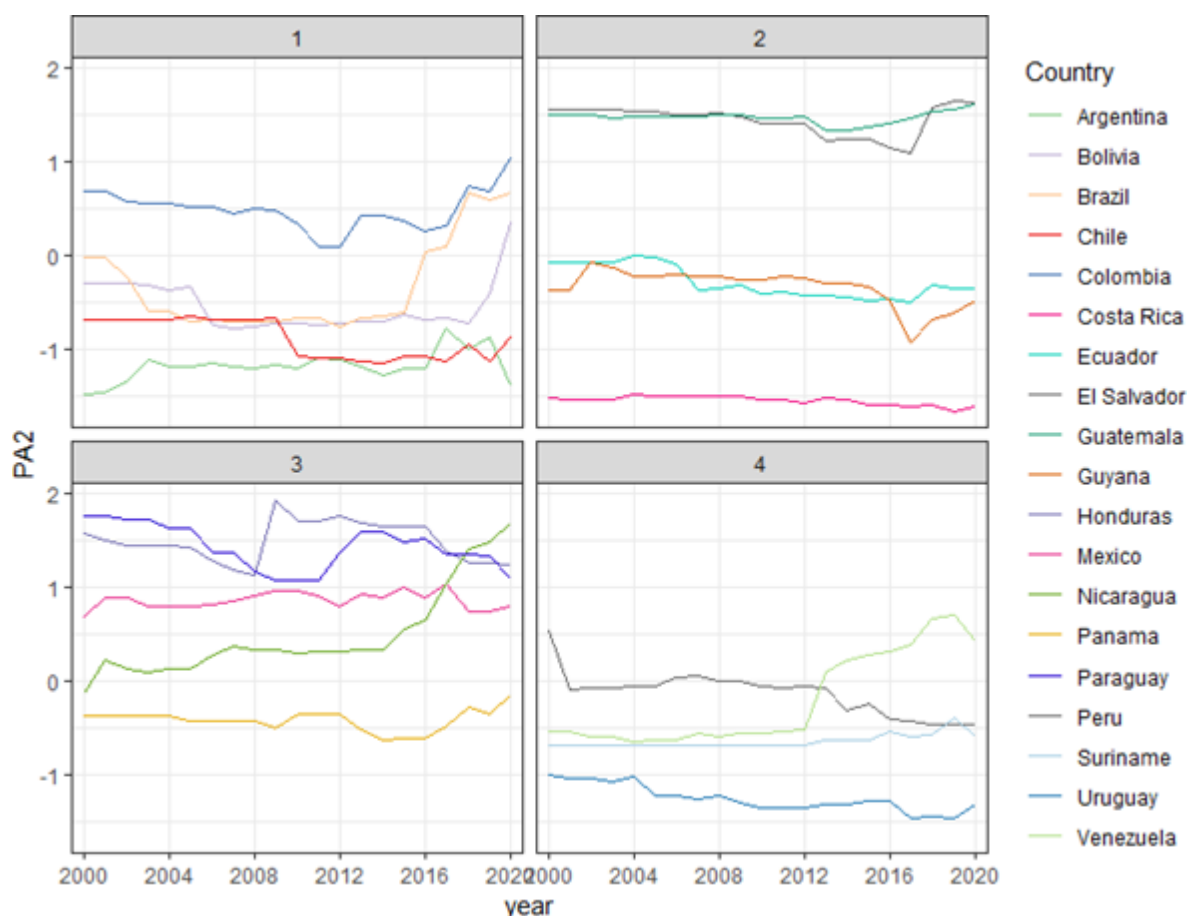
Figura 1. Evolução ao longo dos anos do Fator Divisão/Repressão



Fonte: Elaboração própria, a partir dos resultados do modelo.

Na Tabela 3 são apresentadas as séries dos dois fatores para o caso brasileiro. É interessante destacar que o Brasil apresentou valores crescentes em ambos os fatores ao longo do período e passou a ter valores positivos a partir de 2016, fenômeno que coincide com a grave crise política instalada no país. Nota-se também que os resultados estão de acordo com a ideia de Fuks e Marques (2021b), que apontam o aumento da polarização a partir de 2014. Neste ano, o índice divisão/repressão deu um salto, como pode ser observado na tabela. Calculando as médias dos índices apenas até o ano 2013, o Brasil subiria duas posições no ranking de ambos os fatores, o que retrata a piora da situação do país, em comparação à região, em anos recentes.

Figura 2. Evolução ao longo dos anos do Fator Desigualdade Política



Fonte: Elaboração própria, a partir dos resultados do modelo.

Tabela 3. Evolução dos índices de polarização no Brasil entre 2000 e 2020

Ano	Divisão/repressão	Desigualdade Política
2000	-0,683	-0,008
2001	-0,683	-0,008
2002	-0,591	-0,240
2003	-0,548	-0,595
2004	-0,551	-0,596
2005	-0,516	-0,690
2006	-0,510	-0,687
2007	-0,512	-0,691
2008	-0,512	-0,694
2009	-0,512	-0,694
2010	-0,535	-0,668
2011	-0,566	-0,669
2012	-0,478	-0,761
2013	-0,454	-0,665
2014	-0,181	-0,635
2015	-0,237	-0,604
2016	0,437	0,035
2017	0,623	0,098
2018	0,710	0,673

2019	1,328	0,597
2020	1,216	0,674

Fonte: Elaboração própria, a partir dos resultados do modelo.

5.4 Efeito da polarização sobre apoio à democracia

Os índices calculados foram então usados como variáveis explicativas em uma regressão a fim de estimar o efeito das dimensões polarização sobre a variável de apoio à autocracia. Esta variável também se encontra na base V-Dem, e é um índice que mede a frequência e a dimensão de manifestações a favor de soluções antidemocráticas.

A estimativa foi feita pelo método de efeitos fixos, com os dados em painel balanceado⁸ dos 19 países da amostra, em 21 anos, colapsados em cinco janelas de tempo (cada um dos cinco períodos representa a média dos índices nos anos correspondentes). Essa escolha foi feita por conta do método de estimação. A estimação por efeitos fixos é adequada para estruturas de dados em painel com mais unidades espaciais que unidades de tempo. Também foi feita a estimação por efeitos aleatórios, mas o teste de Hausman indicou sua inconsistência. Na Tabela 4, são apresentados os resultados de ambas as regressões.

Tabela 4. Resultado das regressões

Variável dependente: Mobilização pela autocracia	Efeitos Fixos	Efeitos Aleatórios
Divisão/repressão	0,751*** (0,149)	0,781*** (0,117)
Desigualdade política	0,416* (0,216)	0,242* (0,145)
Constante		-1,067** (0,191)
Observações	95	95
R2	0,363	0,370
R2 Ajustado	0,191	0,356
Estatística F	21,110*** (df= 2; 74)	53,989

*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Nota-se que ambos os índices apresentaram estimadores positivos e estatisticamente significativos (o primeiro a 1% de significância e o segundo a 10%), indicando que o aumento dos índices de polarização eleva a mobilização por regimes autoritários nos países analisados. Tal resultado está de acordo com a literatura da área que aponta a erosão do regime democrático como consequência da elevação das divisões sociais (FOSSATI; MUHTADI; WARBURTON, 2021; MCCOY; RAHMAN; SOMER, 2018; SOMER; MCCOY, 2018).

6 CONCLUSÃO

A relação entre a polarização da sociedade e a democracia ainda é alvo de discussão na literatura. Por um lado, argumenta-se que posições mais enfáticas das elites políticas fortalecem

⁸ O modelo também foi estimado em um painel desbalanceado, adicionando o crescimento do PIB como variável explicativa. Esta variável não foi significativa para explicar o grau de apoio à democracia e os resultados das estimações das demais variáveis não foram alterados de maneira relevante. Optou-se por apresentar o resultado sem o crescimento do PIB, devido à perda de dados acarretada por sua inclusão.

o elo entre ideologia e voto dos cidadãos, uma vez que facilita o entendimento dos ideais de cada partido e candidato (LEBAS, 2018; PIERCE; LAU, 2019). Por outro lado, há evidência de que o acirramento das divisões sociais representa uma ameaça ao regime democrático (DRUCKMAN; PETERSON; SLOTHUUS, 2013; FOSSATI; MUHTADI; WARBURTON, 2021; LAVINE; JOHNSTON; STEENBERGEN, 2012; SOMER; MCCOY, 2018).

Poucos são os estudos aplicados à América Latina sobre o tema. Foram elaborados neste trabalho dois índices de polarização para a América Latina, entre 2000 e 2020, a partir de uma visão multidimensional do fenômeno (21 variáveis foram selecionadas para representar diversas manifestações do fenômeno): um índice de divisão/repressão e um de desigualdade política. A partir da análise da evolução dos índices, observa-se a tendência de aumento da polarização na maior parte dos países da região. A seguir, foi estimado o efeito desses índices sobre o apoio popular a soluções antidemocráticas. É fornecida evidência de que maiores índices de polarização estão associados à maior ocorrência de mobilização pela autocracia na América Latina, em linha com os trabalhos que apontam os efeitos perniciosos das divisões sociais.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWITZ, A. I. *The great alignment: Race, party transformation, and the rise of Donald Trump*. London: Yale University Press, 2018.

ABRAMOWITZ, A. I.; SAUNDERS, K. L. Is polarization a myth? *The Journal of Politics*, Cambridge University Press. New York, USA, v. 70, n. 2, p. 542–555, 2008.

ABRAMOWITZ, A. I.; WEBSTER, S. The rise of negative partisanship and the nationalization of US elections in the 21st century. *Electoral Studies*, Elsevier, v. 41, p. 12–22, 2016.

BÉJAR, S.; MORAES, J. A.; LÓPEZ-CARIBONI, S. Elite polarization and voting turnout in Latin America, 1993–2010. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, Taylor & Francis, v. 30, n. 1, p. 1–21, 2020.

CARREIRÃO, Y. S. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. *Opinião pública*, SciELO Brasil, v. 13, n. 2, p. 307–339, 2007.

CARREIRÃO, Y. S. Opiniões políticas e sentimentos partidários dos eleitores brasileiros. *Opinião pública*, SciELO Brasil, v. 14, n. 2, p. 319–351, 2008.

CORDERO, G.; SIMÓN, P. Economic crisis and support for democracy in Europe. *West European Politics*, Taylor & Francis, v. 39, n. 2, p. 305–325, 2016.

CÓRDOVA, A.; SELIGSON, M. A. Economic crisis and democracy in Latin America. *PS: Political Science and Politics*, Cambridge University Press, v. 42, n. 4, p. 673–678, 2009.

DALTON, R. J.; ANDERSON, C. J. (org.) *Citizens, context, and choice: How context shapes citizens' electoral choices*. [S.l.]: Oxford University Press, 2011.

DRUCKMAN, J. N.; PETERSON, E.; SLOTHUUS, R. How elite partisan polarization affects public opinion formation. *American Political Science Review*, Cambridge University Press, v. 107, n. 1, p. 57–79, 2013.

FERNANDEZ, K. E.; KUENZI, M. Crime and support for democracy in Africa and Latin America. *Political Studies*, SAGE Publications Sage UK: London, England, v. 58, n. 3, p. 450–471, 2010.

FOA, R. S.; MOUNK, Y. The danger of deconsolidation: the democratic disconnect. *Journal of Democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 27, n. 3, p. 5–17, 2016.

- FOSSATI, D.; MUHTADI, B.; WARBURTON, E. Why democrats abandon democracy: Evidence from four survey experiments. *Party Politics*, SAGE Publications Sage UK: London, England, p. 1354068821992488, 2021.
- FUKS, M.; MARQUES, P. H. Contexto e voto: o impacto da reorganização da direita sobre a consistência ideológica do voto nas eleições de 2018. *Opinião Pública*, SciELO Brasil, v. 26, p. 401–430, 2021.
- FUKS, M.; MARQUES, P. H. Polarização e contexto: explicando a polarização política no Brasil. *6º Workshop Comportamento Político e Opinião Pública*, 2021.
- HETHERINGTON, M. J. Resurgent mass partisanship: The role of elite polarization. *American Political Science Review*, Cambridge University Press, v. 95, n. 3, p. 619–631, 2001.
- LAGOS, M. Between stability and crisis in Latin America: How people view democracy. *Journal of Democracy*, v. 12, n. 1, p. 137–145, 2001.
- LAGOS, M. The Democracy Barometers (Part II): Latin America's diversity of views. *Journal of Democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 19, n. 1, p. 111–125, 2008.
- LATINOBARÓMETRO. Informe 2021. Disponível em: <<https://www.latinobarometro.org/>>
- LAVINE, H. G.; JOHNSTON, C. D.; STEENBERGEN, M. R. *The ambivalent partisan: How critical loyalty promotes democracy*. Oxford University Press, 2012.
- LEBAS, A. Can polarization be positive? conflict and institutional development in Africa. *American Behavioral Scientist*, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 62, n. 1, p. 59–74, 2018.
- LUPU, N. Party brands and partisanship: Theory with evidence from a survey experiment in Argentina. *American Journal of Political Science*, Wiley Online Library, v. 57, n. 1, p. 49–64, 2013.
- MAGALHÃES, P. C. Government effectiveness and support for democracy. *European Journal of Political Research*, Wiley Online Library, v. 53, n. 1, p. 77–97, 2014.
- JOHNSON, R. A.; WICHERN, D. W. et al. *Applied multivariate statistical analysis*. [S.l.]: Pearson London, UK., 2014. v. 6.
- JONG-A-PIN, R. On the measurement of political instability and its impact on economic growth. *European Journal of Political Economy*, Elsevier, v. 25, n. 1, p. 15–29, 2009.
- MCCOY, J.; RAHMAN, T.; SOMER, M. Polarization and the global crisis of democracy: Common patterns, dynamics, and pernicious consequences for democratic polities. *American Behavioral Scientist*, Sage Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 62, n. 1, p. 16–42, 2018.
- MOUNK, Y. *The people vs. democracy*. [S.l.]: Harvard University Press, 2018.
- PIERCE, D. R.; LAU, R. R. Polarization and correct voting in us presidential elections. *Electoral Studies*, Elsevier, v. 60, p. 102048, 2019.
- POOLE, K. T.; ROSENTHAL, H. *Congress: A political-economic history of roll call voting*. [S.l.]: Oxford University Press on Demand, 2000.
- SINGER, M. Elite polarization and the electoral impact of left-right placements: Evidence from latin américa, 1995-2009. *Latin American Research Review*, JSTOR, p. 174–194, 2016.
- SOMER, M.; MCCOY, J. Déjà vu? Polarization and endangered democracies in the 21st century. *American Behavioral Scientist*, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, 2018.
- VERBA, S.; ALMOND, G. *The civic culture*. Political Attitudes and Democracy in Five Nations, 1963.

WUTTKE, A.; GAVRAS, K.; SCHOEN, H. Have europeans grown tired of democracy? new evidence from eighteen consolidated democracies, 1981–2018. *British Journal of Political Science*, Cambridge University Press, p. 1–13, 2020.

APÊNDICE A

Tabela 1A - Lista de variáveis

Código no V-Dem	Novo nome	Significado
v2cacamps	ppol	Polarização política
v2caviol	vpol	Violência política
v2caassemb	lassoc	Liberdade de associação pacífica
v2smpolsoc	psoc	Polarização da sociedade
v2smorgviol	viol	Uso de mídia social para organizar atos violentos
v2smcamp	midsoci	Uso de mídia social em campanhas políticas
v2smpolhate	odio	Discurso de ódio por parte dos partidos políticos
v2xcl_rol	igual	Índice de igualdade diante da lei e liberdades individuais
v2x_cspart	part	Índice de participação da sociedade civil
v2xeg_eqprotec	protec	Índice de igualdade de proteção
v2xeg_eqaccess	access	Igualdade de acesso ao poder
v2smgovdom	fakeng	Disseminação de informações falsas pelo governo
v2smpardom	fakenp	Disseminação de informações falsas pelos partidos
v2smgovshut	bloq	Bloqueio da internet por parte do governo
v2smgovsm	bloqsoc	Bloqueio das mídias sociais por parte do governo
v2smgovsmcenpre	censsoc	Censura das mídias sociais por parte do governo
v2smmefra	pmidia	Polarização da mídia
v2smarrest	pris	Prisões políticas
v2meharjrn	amea	Ameaça a jornalistas
v2meslfcen	autocens	Autocensura da mídia
v2mebias	vies	Existência de viés na cobertura da mídia

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE B

Figura 1B - Autovalores dos Fatores (Scree Plot)

Fonte: Resultado do modelo.

